



6º Simposio de Ensino de Graduação

A ARTE CEMITERIAL DE LUIZ LEONARDI E DA MARMORARIA CARRARA NO CEMITÉRIO DA SAUDADE EM PIRACICABA: LEVANTAMENTO E QUESTÕES PRELIMINARES

Autor(es)

PAULO RENATO TOT PINTO

Orientador(es)

VALÉRIA ALVES ESTEVES LIMA

1. Introdução

Através da análise de algumas obras erigidas pelo artista Luiz Leonardi e da Marmoraria Carrara dentro do Cemitério da Saudade em Piracicaba, busquei identificar transformações e aspectos da arte cemiterial no referido campo santo.

2. Objetivos

O presente trabalho objetivou, através do levantamento e análise de jazigos localizados no Cemitério da Saudade na cidade de Piracicaba - SP e concebidos por Luiz Leonardi recuperar a memória do artista no que se refere à arte funerária, identificando suas produções, fazendo apontamentos acerca de possíveis mudanças em aspectos artísticos no período em que o supracitado artista produziu.

3. Desenvolvimento

Arte funerária no Brasil

Um dos precursores dos estudos de arte cemiterial no Brasil foi o historiador Clarival do Prado Valladares, que lançou, em 1972, o livro *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros* [1], ainda hoje a principal fonte de referência sobre o tema no Brasil. Tal obra, segundo a historiadora Maria Elizia Borges, foi “a primeira análise de cunho sociológico sobre a história dos cemitérios no Brasil” [2]. Valladares tentou compreender a evolução da arte tumular brasileira.

Ao lado do estudo de VALLADARES (1972) cabe mencionar o belo trabalho de Maria Elizia Borges, *Arte Funerária no Brasil (1890 – 1930) – Ofício de Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto* [4], que é, acima de tudo, um espaço de recuperação da memória dos marmoristas da região de Ribeirão Preto e referência desses novos estudos sobre a arte cemiterial.

Outro estudo de referência que proporcionou um olhar diferente quanto à arte cemiterial e, principalmente, quanto à arquitetura nos campos santos, é a proposta de abordagem de Renato Cymbalista em “Cidade dos Vivos”[6], pesquisa que revela claramente as influências sofridas pelo autor graças à sua formação em Arquitetura e Urbanismo, em detrimento de estudos propriamente de natureza histórica.

Metodologia

O processo de trabalho que procurei desenvolver começou com a observação *in loco* das obras construídas por Luiz Leonardi e, conseqüentemente, pela *Marmoraria Carrara*, localizadas no cemitério da Saudade. Tais obras foram devidamente catalogadas e classificadas segundo uma tipologia a ser apresentada mais adiante. Já como referência metodológica para o trabalho com as imagens presentes nas sepulturas, esta pesquisa se apóia nos fundamentos estabelecidos por Erwin Panofsky, e propostos em seu ensaio “*Iconografia e Iconologia: Uma Introdução ao Estudo da Arte da Renascença*”[8]. Em virtude do tamanho reduzido do presente trabalho, conforme especificado para sua publicação, tal método não será apresentado de forma tão aprofundada.

O Cemitério de Piracicaba e Luiz Leonardi

1. Identificação do Espaço

Inaugurado em 1872, o cemitério de Piracicaba é o segundo na cidade a ser erigido *extramuro ecclesiam*, sua entrada principal encontrava-se na avenida Independência, e dava-se por meio de um portão que até hoje lá se encontra, o qual, diante da atual configuração do cemitério, tornou-se lateral e secundário. Reformado no início do século XX, dotado de um pórtico monumental, seu arruamento foi em boa parte alterado.

Foram catalogados 117 jazigos que se espalham por uma área de cerca de 52.500 m².

2. Identificação do Artista

Além da coleta de dados desenvolvida *in loco*, procurei informações referentes ao artista/artesão Luiz Leonardi. Consegui contato com Luiz Sérgio Leonardi, neto de Luiz Leonardi, nascido em 1937, e testemunha de grande parte da trajetória da *Marmoraria Carrara*, além de ter conhecimento de vários fatos anteriores relacionados à marmoraria de Luiz Leonardi.

Oriundo de Quercela Lucca, região de Toscana na Itália, Luiz Leonardi nasceu em 20 de junho de 1879. Chegou ao Brasil com oito anos, em companhia de seu pai, nos últimos decênios do século XIX, período de forte imigração para suprir o déficit na mão de obra na lavoura cafeeira. Residiu na região de Uberaba e Ribeirão Preto. Posteriormente transferiu-se para Araras, onde iniciou o ofício de Marmorista. Chegou a ter mais de uma centena de funcionários e uma filial na cidade de Piracicaba, localizada na rua Santo Antônio.

3. A Marmoraria Carrara

Em 1937, o patriarca Leonardi organiza uma sociedade com seu filho Ovídio e seu genro, criando a *Marmoraria Carrara Industriais*, que se manteve ativa até 1974, quando, por falta de modernização do maquinário, difícil situação financeira e ausência de interesse dos herdeiros, os quais escolheram por outras áreas de atividade, a empresa fechou suas portas, sendo vendida para um artesão de cacos de mármore da cidade de Araras; e, posteriormente, fechada.

Dentro desse panorama, entra em cena um personagem que considerei como o mais importante depois de Luiz Leonardi. Seu filho, Ovídio, era quem passou a tomar conta, depois da criação da sociedade, da parte técnica da marmoraria, sendo o responsável pelos desenhos que seriam passados para a parte operacional da empresa.

Análise das obras

1. Técnicas e Materiais

Chamava a atenção em Luiz Leonardi, segundo relato de seu neto, seu “enorme poder organizacional, fosse na parte das finanças, fosse na sistematização do trabalho”. Este alegado poder de organização abre precedente para verificar, na *Marmoraria Carrara*, a condição sinalizada por BORGES (2002) quanto às marmorarias de Ribeirão Preto, onde as obras executadas situavam-se na fronteira entre arte e técnica.

Mas a técnica, vinculada à organização e até a uma massificação dos trabalhos, não trouxe apenas prejuízos para o campo da arte. Com a ênfase no emprego da técnica, verifica-se a possibilidade de estender aquilo que estava associado apenas às classes elitizadas e abastadas, ao dia-a-dia daqueles até

então desprovidos de condições de possuir o que se entendia apenas como “obras de arte”.

[1] VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Brasília: MEC-RJ, 1972.

[2] BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil: contribuições para a historiografia da arte brasileira. . In: *XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte*, 2003, Rio Grande do Sul: *Anais*. Rio Grande do Sul: PUCRS. 1 CD.

[3] Idem.

[4] BORGES, M. E.. *Arte funerária no Brasil*.

[5] Idem, p.14.

[6] CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo*. 1ª ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

[7] CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo*. p. 15

[8] PANOFKY, Erwin. . 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, pp. 47-87.

4. Resultado e Discussão

Tipologia

Para o presente trabalho, achei por bem desenvolver uma tipologia que possibilitasse a classificação das obras construídas por Luiz Leonardi e pela Marmoraria Carrara.

Analisando as datas de falecimento do sepultado mais antigo em cada jazigo, pude verificar que o período referente aos anos entre 1936 e 1950 foi o de maior produção da empresa de Leonardi.

Para definir a forma dessas construções, analisei três aspectos principais, através dos quais procuro estabelecer parâmetros para uma melhor identificação das sepulturas.

A primeiro aspecto a se analisar diz respeito ao formato de cada construção. Dividi esse item em três classificações:

Jazigo Simples: Construção de até 1,50m de largura com até 2,50m de profundidade.

Jazigo Duplo: Construção com mais de 1,80 de largura e com até 2,50m de profundidade.

Jazigo Monumento: Construção ampla sem limites máximos definidos, cujas dimensões, deixam clara a intenção de enaltecer a figura do sepultado, seja com um busto ou uma estátua que determine esse aspecto. Definida a largura e profundidade julguei necessário diferenciá-los também pela sua altura. Jazigos duplos são, em sua maioria, classificados como “altos”, entretanto, são encontrados jazigos simples de duas alturas, exigindo assim uma diferenciação para eles:

Baixo: Jazigo com menos de 60cm de altura.

Alto: Jazigo com mais de 60cm de altura.

Além das dimensões dos jazigos, me deparei com outras duas formas de sepultar que mereceram ser classificadas. Alguns jazigos, pela sua aparência externa, sugerem uma determinada disposição interna para os esquifes, que nem sempre corresponde ao que de fato podemos ver. Embora pareçam estar acima do solo, graças ao conjunto arquitetônico, alguns corpos são sepultados em gavetas subterrâneas — uma verdadeira obra de delicada engenharia:

Gavetas externas: Jazigo onde os corpos são alocados em um nível superior ao solo.

Gavetas internas: Jazigos onde os corpos são dispostos em gavetas, muitas vezes alocadas lateralmente, em um nível inferior ao solo. Alguns jazigos duplos, que visualmente dispõem apenas de duas gavetas para sepultamento, podem dispor de até seis gavetas internas. Normalmente o acesso a essas gavetas é feito por portinholas.

As portinholas que compõem os jazigos de gavetas internas são feitas de bronze ou ferro e dispõem, na maioria das vezes, de uma decoração que pode ser identificada e classificada com os preceitos que apresento a seguir.

No que diz respeito à estatuária cemiterial, optei por utilizar a tipologia desenvolvida por BORGES (2002). Vale salientar que apesar de me valer da mesma nomenclatura, o material das esculturas analisadas pela autora foi o mármore, diferentemente das encontradas no campo de pesquisa do presente trabalho, que são, em sua maioria, de bronze.

Em sua tipologia, BORGES (2002) divide as esculturas em três modalidades: anjos, imagens sacras e

imagens profanas.[1] Essa divisão vai servir de base para definir a estatuária encontrada nos trabalhos de Luiz Leonardi e caracterizar os desenhos que formam as portinholas que encontramos em algumas das obras.

[1]BORGES, M. E.. *Arte funerária no Brasil* , p.172.

5. Considerações Finais

Como conclusão, acredito que fazer um balanço dos mais de 74 anos da Marmoraria Carrara e conseqüentemente — ou necessariamente — de Luiz Leonardi é evidenciar um período de evolução da arte cemiterial, percussor do hibridismo contemporâneo que encontramos hoje nos cemitérios do Brasil. Dentro das obras analisadas no Cemitério de Piracicaba, notamos a mudança seja da utilização de materiais, quando o mármore paulatinamente é substituído pelo granito, em primeiro momento pelo granito marrom bruto e depois o granito polido. Essa mudança abarca também as formas das construções que evoluem, saindo daquela configuração mais clássica, em que as esculturas eram quase que obrigatórias e as peças de mármore, tal sua profusão, tornavam as sepulturas semelhantes a altares.

Acredito que muito há ainda para ser pesquisado no Cemitério da Saudade, que revele novos enfoques sobre velhas práticas e conceitos.

Referências Bibliográficas

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.

CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo*. 1ª ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

MUMFORD, Lewis. *Arte e técnica*. São Paulo: Martins Fontes.

PANOFKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 3ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2001.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Brasília: MEC-RJ, 1972.